

4 Conclusão

O que vimos na hermenêutica de Gadamer e o que marca seu caráter fenomenológico é que é possível falar da realidade sem que seja necessário um posicionamento teórico que sirva de anteparo a compreensão de tal realidade. A análise do mundo em que vivemos e já compreendemos, portanto, não precisa de uma orientação teórica prévia, mas antes deve deixar que a própria compreensão de mundo a oriente. O que significa que, na hermenêutica, não há a pretensão de domínio teórico sobre a realidade, pois, como argumenta Hermann:

A hermenêutica nos mostra que nem tudo aquilo que é desconhecido é transformando em conhecido, como pretendia o conceito iluminista de progresso. E os processos pedagógicos, a despeito do domínio buscado por diferentes técnicas, trazem consigo o movimento próprio da existência humana, que é tensão entre iluminação e encobrimento. (HERMANN, 2002, p.88)

Na medida em que nos permite colocar em questão a racionalidade que tradicionalmente rege o fazer pedagógico, o pensamento hermenêutico abre para a educação a possibilidade de compreender sobre que bases esse fazer tem se justificado, para além de uma mera argüição a respeito da eficiência ou dos efeitos provocados dentro de uma relação causal. Nesse sentido, a dimensão compreensiva que a hermenêutica apresenta, recoloca a possibilidade de encontrar os fundamentos da ação humana no âmbito da história, da tradição e da linguagem, ampliando “o sentido da educação para além da prevalência da normatividade técnico-científica cuja origem se encontra na racionalidade moderno-instrumental” (HERMANN, 2002, p.88), ao expor os reducionismos provocados pelo modo tecnicizante de tentar dominar a aprendizagem.

A afirmação de Gadamer, de que “a educação é educar-se”, nos leva a ver a experiência educativa como algo que não se pode impor ao outro e que a pretensão de objetificar o sujeito e a sua aprendizagem não encontra nenhum amparo no modo próprio de ser da educação. Na educação, mesmo quando esta obedece a modelos técnicos, tudo aquilo que o aluno efetivamente aprende necessita entrar em diálogo com suas pré-compreensões que passam por um processo de transformação. Essa transformação é o que compreendemos como sendo a aprendizagem. Este é, contudo, um processo cujos resultados, não

podemos prever antecipadamente e que só é possível de se realizar através do diálogo. O diálogo, por sua força vinculante, é o que nos requisita a todo o momento a elaboração e reelaboração de sentido, no esforço de compreender e de nos tornarmos compreensíveis ao outro. Evidentemente, naquele modelo onde o espaço para o diálogo é restringido, as possibilidades para a aprendizagem também são menores.

Concluimos então que, por mais que o pensamento hermenêutico possa trazer grandes contribuições para a educação, estas não virão no formato de uma nova teoria sobre a qual poderemos mapear orientações sobre “como se deve fazer”. Nesse mesmo sentido Gadamer, nos diz que “aquele que quiser tirar algum ganho da filosofia prática precisará estar preparado da maneira correta” (GADAMER, 2009, p.160), o que significa dizer que não é somente o domínio teórico, mas também o domínio prático e compreensivo o que possibilita traduzir o conhecimento em ações efetivas. Entendemos que é isso o que torna possível, àquele que atua como educador, compreender os eventos próprios ao cotidiano escolar, em todas as suas especificidades, atuando de maneira adequada a cada vez. Sob uma perspectiva hermenêutica, somente aquele que se forma educador conseguirá buscar, por ele mesmo, corrigir as falhas que percebe em sua própria formação, aprimorando sua prática e seus conhecimentos em conformidade com as exigências de sua profissão, pois, também na formação do professor, o que há é auto-formação. Assim, na educação, a hermenêutica filosófica tem como um dos desafios manter-se afastada de pretensões instrumentalistas, ao mesmo tempo em que explicita o caráter formador e transformador da própria educação.